



GEOGRAFIA SENSÍVEL E EDUCAÇÃO LIBERTADORA: TERRITÓRIO, MEMÓRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALDEIA DE CARAPICUÍBA

Alexandre Simões Pimentel ¹

RESUMO

Esta pesquisa analisa a pedagogia de Maria Amélia Pereira Pinho (Peo) na Aldeia de Carapicuíba, patrimônio histórico paulista marcado por camadas indígenas, jesuíticas e periféricas, investigando como práticas educativas baseadas no território podem ressignificar memórias silenciadas e contrapor narrativas hegemônicas de desenvolvimento urbano. O estudo fundamenta-se no conceito de espaço como processo relacional (MASSEY, 2008), na noção de lugar como construção dialética (SANTOS, 2006) e nas pedagogias do oprimido e decolonial (FREIRE, 2020; WALSH, 2003), que valorizam saberes ancestrais, corporeidade e educação insurgente. De abordagem qualitativa, a investigação mobilizou entrevistas disponíveis no podcast Carapicuibano, registros audiovisuais e literatura especializada, tratados por meio de análise de conteúdo e perspectiva dialética. Os resultados revelam quatro eixos centrais: a educação da sensibilidade, que valoriza corpo, brincar e espaço; a Festa de Santa Cruz como patrimônio vivo e forma de resistência; o currículo em disputa, a partir da OCA-Escola Cultural como espaço alternativo de aprendizagem; e a identidade territorial, fortalecida pelo sentimento de pertencimento e autonomia dos educandos. Conclui-se que a experiência da Aldeia constitui um espaço educativo decolonial, no qual memória, território e pedagogia se entrelaçam na construção de práticas de resistência cultural e formação cidadã.

Palavras-chave: Educação decolonial, Território e memória, Educação da sensibilidade, Resistência cultural, Aldeia de Carapicuíba.

ABSTRACT

This research analyzes the pedagogy of Maria Amélia Pereira Pinho (Peo) in the Aldeia de Carapicuíba, a historical heritage site in São Paulo marked by Indigenous, Jesuit, and peripheral layers, investigating how educational practices grounded in territory can re-signify silenced memories and challenge hegemonic narratives of urban development. The study is based on the concept of space as a relational process (MASSEY, 2008), on the notion of place as a dialectical construction (SANTOS, 2006), and on the pedagogies of the oppressed and decolonial approaches (FREIRE, 2020; WALSH, 2003), which value ancestral knowledge, corporeality, and insurgent education. With a qualitative approach, the investigation drew on interviews available in the Carapicuibano podcast, audiovisual records, and specialized literature, analyzed through content analysis and a dialectical perspective. The results revealed four central axes: education of sensibility, which values body, play, and space; the Festa de Santa Cruz as living heritage and a form of resistance; the curriculum in dispute, through the OCA-Escola Cultural as an alternative learning space; and territorial identity, strengthened by students' sense of belonging and autonomy. It is concluded that the Aldeia experience constitutes a decolonial educational space, in which memory, territory, and pedagogy intertwine in the construction of cultural resistance practices and citizen formation.

Keywords: Decolonial education, Territory and memory, Education of sensibility, Cultural resistance, Aldeia de Carapicuíba.

¹ Mestre em Análise Ambiental e Dinâmica Territorial pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, IGE-UNICAMP – SP, alexandrepimentel@professor.educacao.sp.gov.br;



INTRODUÇÃO

O presente artigo investiga a pedagogia desenvolvida por Maria Amélia Pereira Pinho (Peo) na Aldeia de Carapicuíba, território de relevância histórica e cultural marcado por camadas indígenas, jesuíticas e periféricas.

Peo iniciou sua trajetória profissional em Salvador (BA), atuando no Programa Alfabetização Solidária (década de 1990) e em projetos de educação popular. Essas experiências, somadas à sua formação acadêmica, conectaram-na ao legado de importantes educadores brasileiros, como Paulo Freire (cujas metodologias adotou), Anísio Teixeira (cujas ideias influenciaram suas políticas públicas) e Agostinho da Silva (em diálogo com sua filosofia educacional). Seu trabalho contribuiu para novas perspectivas sobre formação docente e aprendizagem infantil, impactando posteriormente a educação em Carapicuíba (SP), especialmente nas proximidades da Aldeia de Carapicuíba, onde fixou residência.

A reflexão se ancora na geografia humanista (Massey, 2008; Santos, 2006) e nas pedagogias decoloniais (Freire, 2020; Walsh, 2003), com destaque para a Educação da Sensibilidade, compreendida como prática que valoriza a corporeidade, os saberes ancestrais e as memórias coletivas silenciadas ao longo dos processos de urbanização e apagamento cultural.

A pesquisa toma como questão central: de que maneira práticas pedagógicas baseadas no território podem ressignificar memórias históricas silenciadas e contrapor narrativas hegemônicas de desenvolvimento urbano? Para respondê-la, estabeleceu-se como objetivo geral compreender como a OCA-Escola Cultural transformou a Aldeia de Carapicuíba em espaço educativo decolonial, e como objetivos específicos: (a) mapear estratégias pedagógicas que vinculam território e memória; (b) analisar os impactos na identidade territorial dos educandos; e (c) propor diretrizes para geografias escolares engajadas em práticas críticas e sensíveis.

A relevância do estudo reside na urgência em documentar práticas educativas que se contrapõem ao apagamento histórico de comunidades tradicionais, evidenciando a originalidade de vincular geografia humanista e educação sensível em contextos periféricos. Além disso, a pesquisa contribui para o debate sobre políticas públicas de educação patrimonial, sobretudo considerando que a Aldeia de Carapicuíba, fundada em 1580 como um dos doze aldeamentos jesuíticos originais, é um patrimônio histórico de importância nacional, mas ainda carente de políticas consistentes de preservação.



Metodologicamente, a investigação adota uma abordagem qualitativa (Minayo, 2009), fundamentada na análise de três eixos principais: (a) revisão bibliográfica sobre geografia humanista, educação decolonial e pedagogias sensíveis; (b) estudo documental da Aldeia e dos projetos educativos desenvolvidos na OCA-Escola Cultural e na Escola da Casa Redonda; e (c) análise crítica de entrevistas já realizadas com educadores, moradores e arquitetos vinculados à comunidade, disponíveis no podcast Carapicuibano. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo e da abordagem dialética, possibilitando identificar categorias temáticas e compreender contradições presentes nos discursos e nas práticas.

Os resultados apontam que a pedagogia de Peo, ao articular corpo, memória e território, constituiu práticas educativas que resistem ao apagamento histórico e produzem sentidos coletivos de identidade em um espaço vivido que transcende a dimensão geográfica, pois é também histórica, cultural e política, pois é moldado por interações e resistências. Esse modelo educacional também é transgressor, pois sendo oferecido no contraturno, mostra a importância de superar o modelo de espaço escolar que priva os educandos de viver os espaços e adota uma pedagogia centrada no conteudismo.

Desa forma, festividades como a Festa de Santa Cruz — celebrada há mais de 300 anos e marcada pelo sincretismo indígena e jesuítico — revelam-se como práticas pedagógicas que ressignificam o espaço e perpetuam memórias de resistência. Assim, a pesquisa conclui que a articulação entre geografia humanista e pedagogias decoloniais na Aldeia de Carapicuíba inspira práticas educativas comprometidas com a valorização da diversidade, da memória e da construção de espaços decoloniais de aprendizagem.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, adequada ao estudo de fenômenos sociais complexos por articular contexto objetivo e experiências subjetivas dos sujeitos (Minayo, 2009). Os caminhos metodológicos combinaram levantamento documental, análise bibliográfica e exploração de entrevistas já realizadas, compondo um conjunto diversificado de fontes e técnicas de investigação.

Sobre os instrumentos de coleta de dados, estes foram utilizados seguindo a estrutura descrita a seguir:

a) Fontes secundárias – revisão sistemática de obras teóricas sobre geografia humanista (Massey, 2008; Santos, 2006), educação decolonial (Freire, 2020; Walsh, 2003) e pedagogias



sensíveis; documentos históricos referentes à Aldeia de Carapicuíba; e registros institucionais da OCA-Escola Cultural e da Escola da Casa Redonda.

b) Fontes primárias – entrevistas disponíveis no acervo do podcast Carapicuibano, realizadas com educadores, moradores e participantes dos projetos. Foram privilegiados dois depoimentos sobre a concepção e implementação das práticas pedagógicas de Peo, seus impactos na comunidade e as relações entre território, memória e processos educativos.

Quanto às técnicas de análise, os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, utilizada para identificar categorias temáticas nos discursos, associada à abordagem dialética, que permitiu compreender contradições e transformações no processo histórico-educativo. O exame das narrativas possibilitou investigar como o território é disputado em termos de memória e identidade.

Esse percurso metodológico possibilitou compreender como as práticas pedagógicas de Peo articularam educação, território e memória, reconhecendo o espaço da Aldeia como produto de múltiplas temporalidades e evidenciando a Educação da Sensibilidade como via de valorização da memória histórica e cultural em um território em constante transformação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção apresentamos a discussão do referencial teórico. Destaca-se, inicialmente, que a investigação se fundamenta na geografia humanista, que concebe o espaço como um processo relacional em constante transformação.

3.1. Educação da sensibilidade

Inicialmente, pretende-se analisar a Educação da Sensibilidade a partir da experiência pedagógica que nasce com o “Projeto da Casa Redonda Centro de Estudos”, um projeto de educação infantil que teve início dos anos de 1980, numa chácara próxima da Aldeia, no município de Carapicuíba, em consonância com seu desmembramento no projeto OCA – Escola Cultural.

A proposta, concebida pela pedagoga Maria Amélia Pereira, conhecida como Peo, foca no desenvolvimento da sensibilidade da criança e na sua expressão por meio da linguagem do brincar. Ao analisar a importância dessa prática educacional, Pereira (2002, p. 52) observa que muitas crianças ainda não foram totalmente moldadas pelo sistema que restringe seus movimentos em diferentes espaços (família, escola e cidade) e, por isso, muitas vezes não



sabem do que precisam nem conseguem expressar seus desejos.

Dessa forma, o projeto promove uma educação centrada na sensibilidade infantil, em que a expressão pela brincadeira se torna o principal veículo pedagógico, como destaca a pesquisadora Cruz (2005),

Os pilares do trabalho da Casa Redonda são: a Cultura da Infância, como um modo próprio de ser no mundo, onde a multiplicidade e riqueza do universo das brincadeiras ancoram o processo de desenvolvimento, e a Cultura Brasileira, através de seus mitos, lendas, cantos, música, dança, como uma forma de enraizamento da criança no seu lugar de origem, levando em conta o corpo, como veículo sensível e integrador (Cruz, 2005, p 8).

O projeto arquitetônico que dá nome ao centro de estudos consiste em uma casa circular de dois andares, idealizada pelo arquiteto Sylvio Sawaya, professor da FAU/USP e esposo da pedagoga Peo. Localizada em uma área de 3.500 metros quadrados, a Casa Redonda valoriza a convivência com a natureza e reconhece o espaço físico como parte integrante do processo educativo ali desenvolvido.

O formato circular da construção influencia diretamente a relação espacial das crianças, estimulando novas percepções, interações e formas de apropriação do espaço. Todo esse conjunto espacial pode ser uma ferramenta valiosa para promover uma pedagogia libertadora, pois não se organiza mediante a lógica escolar neoliberal onde o

tempo institucional foi capturado por uma lógica produtivista, onde tudo gira em torno de aulas, provas, simulados e metas. O espaço para o sensível, para a criação, para o encontro, para aquilo que poderia, de fato, formar, é residual, tratado como supérfluo ou distração. (Afonso-Rocha, 2025, p. 5).

Na Educação da Sensibilidade o ambiente externo, a natureza e o espaço são parte intrínseca de um processo sensível de educação — um elemento indispensável para tocar as dimensões sensíveis da criança, pois oferecem espaços para explorar e experimentar diferentes formas de expressão e interação, permitindo aos educandos experienciarem o espaço vivido integrando práticas educativas e patrimônio cultural a partir de diversos estímulos que lhes permitem conviverem e criarem mediante suas potencialidades, criatividade e criticidade.

Em sua pesquisa de mestrado sobre esse centro de estudos, Maria Cristina Meirelles Toledo Cruz, relacionada à educação da sensibilidade e, como a questão espacial podem influenciar essa área. A educação da sensibilidade é um tema amplo que envolve o desenvolvimento da percepção, criatividade e expressão das pessoas. Projetos arquitetônicos, como a Casa Redonda, podem ser uma ferramenta valiosa para promover essa educação, pois



oferecem espaços únicos para explorar e experimentar diferentes formas de expressão e interação.

O clima e as estações do ano definem as brincadeiras e as atividades. No verão, surgem com mais frequência as brincadeiras com areia e água. No inverno, ocorrem brincadeiras que utilizam espaços mais recolhidos, como a casinha, o cozinhar o alimento e o brincar com fogo. As crianças estabelecem uma relação com as estações do ano, compartilhando seus ritmos e ciclos, através de suas brincadeiras (Cruz, 2005, p 22-23).

Essa experiência foi essencial para na década de 1990 colocar em prática o projeto Oca, cuja arquitetura do quadrilátero da Aldeia formou a base para o projeto pedagógico. Uma ramificação do trabalho desenvolvido na Escola Casa Redonda foi o projeto OCA, destinado ao contraturno escolar de crianças e adolescentes, funcionando como espaço de vivência e valorização da cultura brasileira.

Tais práticas encontram-se alinhadas a percepção de que “O espaço vivido é afetivamente valorizado em razão de crenças que conferem especificidades a cada parte do espaço” (Castro; Gomes; Corrêa, 2023, p. 33), pois o projeto promove atividades de dança, canto, lendas, artes, artesanato, brincadeiras e jogos, evidenciando a diversidade cultural do país. Em 2000, a OCA tornou-se oficialmente uma associação sem fins lucrativos, com atividades realizadas em um galpão localizado nas proximidades da Aldeia de Carapicuíba.

Nesse contexto, a relação entre espaço e a promoção da Educação da Sensibilidade está alinhada a perspectiva de Milton Santos (2008), em “Metamorfoses do Espaço Habitado”, a partir da qual é possível compreender que o espaço é produto social e histórico, onde se materializam relações de poder, memória e cultura.

Para fundamentar suas perspectivas teóricas, Maria Amélia Pereira (1939–2021) apoiou-se nas reflexões sobre Educação desenvolvidas por Anísio Teixeira (1900–1971), Agostinho da Silva (1906–1994) e Paulo Freire (1921–1997), que constituíram importantes fontes de inspiração.

Esses educadores compartilham a concepção de uma educação que valoriza as vivências individuais dos educandos, reconhecendo a singularidade de cada um e sua relação própria com o tempo e o espaço. Nessa compreensão, cada sujeito vive o presente de modo único, relacionando-se com o mundo por meio das experiências sensoriais e afetivas construídas em interação com colegas, educadores, família, comunidade e com a geografia dos espaços que habita.

Agostinho da Silva, que em sua obra associa a imagem da criança ao Menino Imperador do Mundo, alusão a cerimônia de coração que ocorre no Brasil e em Portugal, durante a Festa do



Espírito Santo, foi uma referência cultural na Bahia e em outras regiões do Brasil, segundo ele “restaurando a criança em nós, para em nós coroarmos Imperador.” (Silva, 1989, p. 196), o que implica afirmar que ao resgatarmos a criança que temos internamente, temos a oportunidade de renascermos, pois temos a chance de ver o mundo a partir das sensibilidades, como quem explora um mundo totalmente novo, despidos de estigmas, estereótipos, medos, entre outros, daí a ideia do renascimento espiritual do homem. No que se refere ao educador, Agostinho da Silva, compreende que:

(...) O mestre deve-lhes [aos discípulos] dar o hábito e o amor do pensamento, desenvolver o que neles há de verdadeiramente humano, deve acostumá-los a chegarem sempre ao fim de seus raciocínios, a não cansarem e desistirem; deve levá-los a que tenham as idéias como guias de vida; todo o homem que pensa e se obedece é caminhoneiro da estrada da verdade, venha donde vier, venha por onde vier (Silva, 1989, p.42-3).

A perspectiva que ele tem do educador denota a importância do mesmo se despir de uma prática autoritária e centralizadora, antes entende que este deve ser um conselheiro que incentiva o educando a ser protagonista do seu aprendizado, a buscarem finalizar seus raciocínios, sem que busque respostas em outras pessoas ou desista de concluir o mesmo, logo, essas importantes contribuições, evidenciam o caráter revolucionário da prática educativa do Agostinho da Silva.

Porém, faz-se importante destacar que, obviamente, isso requer que o professor esteja preparado para lidar com o imprevisível, esteja aberto para se adaptar e lidar com as circunstâncias diversas e adversas, ou seja, ser tolerante e entender que a construção destes espaços de aprendizado exige cooperação, pois a escola é o espaço onde deve-se ensinar a aprender, e não mero transmissor de conteúdo.

Segundo Daniel Munduruku (2009, p. 26), “Se educar o corpo é fundamental para dar importância ao seu estar no mundo, a educação da mente é indispensável para dar sentido a este estar no mundo. Se no corpo o Sentido ganha vida, é na educação da mente que o corpo o elabora.” Assim, compreende-se que a educação constitui um processo de autoconhecimento que se desenvolve a partir de experiências transformadoras, por meio das quais o sujeito constrói sua identidade pessoal, grupal e cultural.

A reflexão de Munduruku aproxima-se das ideias de Miguel Arroyo (2011), especialmente quando este ressalta a necessidade de incorporar as experiências sociais e os saberes comunitários ao currículo escolar, como discute em Currículo, Território em Disputa. Essa perspectiva reconhece que o aprendizado emerge tanto de dimensões conscientes quanto inconscientes da experiência humana, cabendo ao educador atuar como mediador sensível, que



acompanha e estimula o processo investigativo dos sujeitos sem impor suas próprias interpretações. Tal postura requer dos docentes uma escuta atenta e disciplinada, de modo a preservar a autenticidade das descobertas e percepções construídas pelos educandos em seus territórios de aprendizagem.

Tais perspectivas nos faz recordar da prática do Paulo Freire, conhecido por sua atuação político-pedagógica que, segundo Moacir Gadotti, entendia que a “história é possibilidade e o problema que se coloca ao educador e a todos os homens é saber o que fazer com ela” (apud Gadotti, 2004, p. 234), portanto, sendo a História um campo que exige uma prática pautada na ação–reflexão–ação, cabe ao professor analisar criticamente sua própria atuação e as decisões pedagógicas que adota, uma vez que essas escolhas influenciam diretamente o processo de aprendizagem dos educandos.

Desse modo, a relação da criança com os diversos elementos presentes em seus espaços de convivência possibilita o desenvolvimento da autonomia por meio do autoconhecimento, permitindo-lhe falar de si e sobre si. Esse movimento é essencial, pois, como afirma Freire (2020, p. 108), “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Falar a própria palavra significa não se limitar às definições impostas pelo outro, mas reconhecer-se como parte de uma teia complexa e dinâmica de relações com as pessoas e com o ambiente — um ser em constante transformação.

Nessa perspectiva, percebe-se que a influência freireana nas práticas desenvolvidas na OCA e na Casa Redonda manifesta-se, sobretudo, na dimensão social e política da educação, em que educadores e educandos aprendem juntos, construindo saberes a partir de suas interações com o meio — princípios que orientam a atuação de Peo.

3.2 Patrimônio e memória como resistência

Sobre a Aldeia de Carapicuíba, é importante destacar que, além de seu valor como espaço geográfico, ela representa uma significativa herança histórico-cultural, resultante da convivência entre povos indígenas e jesuítas. Essa interação formou um legado que permanece presente como patrimônio e símbolo de resistência cultural. No século XVIII, especialmente por volta de 1770,

Nos arredores da capela foram construídas malocas para abrigar pequenas moradias e comércio. Destaca-se nesse período histórico a exibição de festas populares: espetáculos folclóricos passaram a ser realizados, envolvendo danças pagãs (rituais indígenas) e celebrações católicas, fazendo da Aldeia de Carapicuíba o mais antigo centro de folclore do estado de São Paulo, com a realização dessas festas até os dias



atuais, apresentando uma série de danças típicas como, por exemplo, a "Dança de Santa Cruz", também chamada de Sarabanquê, que era a dança guerreira dos índios guaianases (Pimentel, 2014, p.43).

Mediante as considerações sobre a relação da organização espacial da Aldeia e o desenvolvimento de festas populares, relacionadas as dinâmicas religiosas experienciadas neste espaço, sob a ótica da educação patrimonial, é possível afirmar que o espaço da Aldeia é um documento vivo, no qual se entrelaçam memórias coletivas, identidades e processos de resistência cultural. Segundo Sylvio Sawaya,

a gente conheceu a aldeia e vimos a importância daquele espaço e a Peo resolveu fazer um trabalho com as crianças, mas não era uma escola ainda, era um trabalho de acompanhar as brincadeiras das crianças do povão ali, bolinhas de gude, peão, empinar papagaio, e ela descobriu uma coisa interessante: que as brincadeiras variam com a estação do ano e isso foi muito rico para compreender aquele pessoal; desse contato começou a surgir a ideia de fazer alguma coisa lá (CARAPICUIBANO, 2023, 07min08s).

Assim, ao valorizar o legado indígena e jesuítico presente em sua formação, o ensino pode promover uma reflexão crítica sobre as relações de poder, dominação e interculturalidade que marcaram o período colonial e permanecem inscritas na paisagem.

Nesse sentido, a análise do patrimônio material e imaterial da Aldeia contribui para desenvolver nos estudantes uma consciência histórica que ultrapassa a simples preservação do passado, estimulando a responsabilidade cidadã e o reconhecimento da diversidade cultural como parte essencial da construção da sociedade brasileira.

Ainda hoje a Aldeia mantém guardadas algumas características dos séculos passados: o cruzeiro, a igreja e as suas casas em linha, dentro de um retângulo, para que a população estivesse próxima, em caso de qualquer situação adversa. Hoje ainda testemunhamos a Aldeia como um largo marcado pela construção singela da igreja, presença principal da "paisagem urbana" (grifo nosso). No centro do largo, em frente à porta do templo cristão, está fincada, sobre uma pedra de moinho, uma cruz. Essa visão remete às tradições religiosas e à intenção missionária da antiga aldeia. Em uma das casas ao lado da igreja está a Casa da Cultura, que abriga o acervo das imagens e objetos indígenas; esculturas que contam a história pelo seu estilo e arte. Todos esses elementos tornaram a Aldeia de Carapicuíba um monumento tombado pelo patrimônio histórico estadual e nacional (Pimentel, 2014, p.42).

Essa articulação entre passado e presente é essencial para a consolidação da Pedagogia da Sensibilidade, elaborada por Peo, uma vez que, a partir dessa relação temporal, a pedagoga propõe que os moradores desenvolvam formas de apropriação dos elementos culturais e do espaço geográfico da Aldeia.

Tal dimensão manifesta-se na valorização das raízes indígenas e das tradições populares, tanto na Casa Redonda quanto na OCA, pois a formação humana, sob essa



perspectiva, emerge da sensibilidade construída nas relações de convivência, especialmente no ato de brincar, na interação entre as crianças e no contato constante com a natureza.

A Festa de Santa Cruz, celebrada há mais de 300 anos, constitui um dos principais elementos de preservação cultural da Aldeia. Para além de tradição religiosa, a festividade representa resistência histórica e articula práticas indígenas, jesuíticas e populares, ressignificando continuamente o espaço. Nesse sentido, a Aldeia de Carapicuíba exemplifica a noção de lugar como síntese de materialidade e subjetividade (Santos, 2006), em que as camadas históricas se transformam em referências identitárias compartilhadas.

A preservação dessas memórias é fundamental para evitar o apagamento das contribuições das gerações anteriores. É direito dos jovens conhecerem sua história, compreenderem a importância dos espaços que ocupam e se orgulharem dos legados culturais e históricos que recebem. Nesse contexto, a pesquisa propõe articular elementos da história de Carapicuíba, do estado de São Paulo e do Brasil, por meio da intertextualidade entre fontes orais e visuais, destacando a configuração urbana, social, cultural e educacional da cidade.

O projeto da OCA-Escola Cultural, concebido como espaço educativo em contraturno, articulou saberes comunitários, práticas artísticas e memória local, valorizando experiências vividas e histórias concretas. Como observa Arroyo (2011, p. 334), “O espaço visto de longe pode ser poético e formoso, o espaço vivido é outro. Este está presente nos currículos?”, evidenciando que os saberes populares enfrentam a hegemonia da escola oficial.

Ao dialogar com as pedagogias decoloniais (Walsh, 2003), o projeto reafirma a importância de práticas educativas insurgentes que ultrapassam os muros escolares e colocam o sujeito como protagonista de sua própria história, reconhecendo suas lutas, valores, culturas, vivências e leituras de mundo. Assim, o currículo se torna um espaço para o reconhecimento tanto da objetividade quanto da subjetividade dos estudantes, garantindo-lhes participação efetiva na construção do conhecimento.

Portanto, projetos como a Escola Casa Redonda e a OCA – Escola Cultural refletem o compromisso de Peo com uma educação que reconhece e valoriza a riqueza histórica dos indígenas e catequizadores, expressa em manifestações culturais, como a Festa de Santa Cruz. Essas iniciativas não apenas preservam a memória local, mas também colocam Carapicuíba em destaque por sua relevância histórica, intimamente ligada à história do Brasil.

3.3 Identidade territorial e pertencimento

Em “Metamorfoses do Espaço Habitado”, Milton Santos apresenta uma reflexão central



acerca da transformação do espaço geográfico e de suas implicações sociais. O autor afirma que “o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2008, p. 28), evidenciando que ele não se limita a um cenário físico, mas constitui um campo no qual se articulam dimensões materiais e imateriais da existência humana.

Assim, a natureza do espaço é intrinsecamente social e histórica, resultante das relações que nele se estabelecem. A interação entre o ser humano e o ambiente configura, portanto, um processo dinâmico e contínuo, que exige a análise e a compreensão das dinâmicas espaciais expressas nas experiências cotidianas das pessoas. Portanto,

O espaço de trabalhar exige um aprendizado prévio, o homem necessita aprender a natureza a fim de poder apreendê-la. Quando aprende, apreende, quando apreende, aprende. A riqueza do ensinamento da natureza é proporcional a ação do homem sobre ela; quanto maior a troca com a natureza, tanto maior o processo de intercâmbio entre os homens. A relação entre o homem e seu entorno é um processo sempre renovado, que modifica tanto o homem quanto a natureza. (2008, p. 96).

Dessa forma, não se trata apenas de um cenário físico, mas de um campo onde se articulam dimensões materiais e imateriais da vida humana. Essa perspectiva é evidenciada na entrevista de Sylvio Sawaya, ao relatar a implantação do projeto OCA, destacando que, inicialmente, o projeto funcionou na Casa de Cultura e, posteriormente, ocupou uma antiga indústria desapropriada, transformando-se em uma liderança local significativa ao valorizar a praça como espaço central, começando pelo trabalho com as crianças (CARAPICUIBANO, 2023, 08min17s).

De forma complementar, Paulo Black, músico e monitor do projeto, destaca que a OCA recebe participantes do curso de Produção e Gestão Cultural, momento em que são acolhidos na praça da Aldeia, conhecem a história local, questões religiosas e históricas, e exploram as vivências compartilhadas. Em seguida, apresentam o projeto e os trabalhos realizados, evidenciando como ocupam e utilizam o espaço (CARAPICUIBANO, 2024, 9min36s).

Esses relatos demonstram que o espaço habitado é também um espaço vivido, que influencia a forma como é percebido e utilizado. Como apontam Corrêa, Castro e Gomes (2023),

Se as práticas espaciais resultam da consciência da diferenciação espacial, de outro lado, são ingredientes através dos quais a diferenciação espacial é valorizada, parcial ou totalmente desfeita e refeita, ou permanece em sua essência por um período mais ou menos longo (2023, p. 35).

Assim, percebe-se uma relação profunda entre espaço e sociedade, que abrange dimensões pedagógicas e artísticas de forma interdisciplinar, possibilitando compreender a



complexidade do espaço geográfico. Esse entendimento se contrapõe a uma “pedagogia que fecha o tempo e o espaço. Uma antipedagógica do território” (Afonso-Rocha, 2025, p. 4), pois os educandos participam de práticas culturais que estimulam imaginação e criticidade, vivendo o tempo no espaço que ocupam, exploram e reivindicam mediado pelas sensibilidades.

Portanto, as apropriações realizadas neste espaço são responsáveis por seu funcionamento e resistências culturais, políticas, sociais e educacionais, ou seja, são reflexos das próprias tramas sociais e humanas (Santos, 1994?, 1996; Massey, 2008), em consonância com a da natureza e suas dinâmicas históricas que vão se revelando a partir das relações em grupo, através da ação e criação promovidas pelos sujeitos.

Esse entendimento encontra ressonância na obra de Massey (2008), que concebe o espaço como relacional e processual, configurado por múltiplas trajetórias, temporalidades e práticas sociais. Para a autora, “O espaço é a dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política.” (Massey, 2008, p. 15), logo, o espaço ultrapassa a dimensão física, constituindo-se como instância de poder, de desigualdades, mas também de resistência e criação.

Ao enfatizar o espaço como produto de inter-relações sociais, políticas e econômicas, Massey o entende como uma “geometria do poder”, que se expressa nos usos, apropriações e significados atribuídos pelos sujeitos em suas práticas cotidianas.

Na mesma direção, Corrêa (1982) destaca que o espaço deve ser compreendido como produto histórico, formado a partir de processos sociais, culturais e econômicos que se acumulam no tempo e se transformam pela ação dos sujeitos. Tal perspectiva reforça a necessidade de pensar o espaço em sua complexidade, como locus de memórias, disputas e significados, resultado das transformações provocadas pela ação do homem e suas experiências ao ocupar estes espaços (Corrêa, 1982, p. 34).

Dessa forma, o espaço é onde ocorre o encontro de múltiplas complexidades, com diversas trajetórias, conforma às representações de uma superfície pontual, ou seja, um espaço que não pode ser reduzido a uma simples representação (Massey, 2008). Na prática é um produto de inter-relações sociais, econômicas e políticas, uma espécie de geometria do poder. É através de seus conceitos que ela explica como neles são gerados fatores como as desigualdades sociais, através da economia capitalista e suas manifestações espaciais.

Essas concepções teóricas são fundamentais para compreender a experiência educativa desenvolvida por Maria Amélia Pereira Pinho (Peo) na Aldeia de Carapicuíba. A pedagogia da OCA – Escola Cultural não se limita à transmissão de conteúdos, mas se ancora na vivência



concreta dos sujeitos em seu território, reconhecendo a riqueza simbólica e histórica do espaço. Ao valorizar brincadeiras tradicionais, práticas comunitárias e celebrações como a Festa de Santa Cruz, a OCA possibilita que crianças e jovens se reconheçam como sujeitos históricos, parte de uma rede de relações que continuamente constrói e ressignifica o espaço vivido.

Assim, o espaço habitado pela comunidade da Aldeia não se apresenta apenas como herança jesuítica ou patrimônio histórico, mas como território em constante (re)criação, atravessado por memórias, práticas sociais e disputas simbólicas. Nessa perspectiva, a atuação pedagógica de Peo confirma as reflexões de Santos, Massey e Corrêa: o espaço é simultaneamente material e simbólico, físico e relacional, sendo continuamente produzido pelas interações humanas. Ao transformar o território em lugar de pertencimento e identidade, a OCA revela como a educação pode ser mediadora entre passado e presente, memória e criação, resistência e reinvenção cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados levantados na pesquisa permitiu identificar quatro categorias analíticas principais: (a) educação da sensibilidade; (b) patrimônio e memória como resistência; (c) currículo em disputa; (d) identidade territorial e pertencimento.

Essas categorias foram construídas a partir da sistematização dos dados empíricos e da interlocução com o referencial teórico, como pode-se analisar no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Categorias analíticas, evidências empíricas e referenciais teóricos

Categoria analítica	Evidências empíricas	Referenciais teóricos
Educação da sensibilidade	Uso do corpo, brincadeira e território como eixos pedagógicos; exemplo da Escola Casa Redonda com arquitetura circular e integração com a natureza.	Freire (2020); Walsh (2003)
Patrimônio e memória como resistência	Festa de Santa Cruz e práticas culturais que preservam identidade e tradição, mantendo vivo o patrimônio histórico da Aldeia.	Santos (2006); Corrêa (1982)
Currículo em disputa	Projeto OCA como contra-turno escolar que incorpora saberes	Arroyo (2011); Walsh (2003)



	populares e comunitários, resistindo ao apagamento cultural da escola oficial.	
Identidade territorial e pertencimento	Entrevistas no podcast <i>Carapicuibano</i> revelam impacto na autoestima e sentimento de pertencimento das crianças e educadores.	Massey (2008); Santos (2006)

Fonte: Autoria própria (2025).

No que se refere à educação da sensibilidade, observa-se que a pedagogia desenvolvida por Maria Amélia Pereira Pinho (Peo) valorizava o corpo, a brincadeira e o território como dimensões centrais do processo educativo. A experiência da Escola Casa Redonda é exemplar nesse sentido, pois sua arquitetura circular, integrada à natureza, constituía um espaço aberto ao convívio e à aprendizagem coletiva.

Essa perspectiva se contrapõe a modelos reducionistas que equiparam informação a conhecimento (PEREIRA, 2002), aproximando-se das críticas freireanas à educação bancária (FREIRE, 2020). Ao privilegiar a autonomia e a expressão das crianças, a prática pedagógica de Peo confirma a relevância de compreender a aprendizagem como um processo que envolve sensibilidade, corporeidade e interação com o espaço vivido.

O projeto da OCA também evidencia essa dimensão, pois como relatou Sawaya, em entrevista ao Podcast Carapicuibano (2023, 08min17s), a praça onde está localizado o projeto OCA é o território enquanto a Aldeia concentra valores, tradições e práticas culturais que estruturam a identidade da comunidade, funcionando como ponto de convergência simbólica entre o passado e o presente, não dependendo de comparações externas, pois existe intrinsecamente, pelo que ela representa e mantém.

A memória de fundação do projeto mostra como o espaço educativo se enraizou no território e, ao narrar suas próprias histórias, as crianças e jovens passaram a se reconhecer como sujeitos históricos, parte de uma rede de relações que constrói continuamente o espaço vivido. Tal perspectiva confirma a noção de espaço como processo relacional (MASSEY, 2008), no qual as práticas sociais configuram múltiplas temporalidades e sentidos de identidade.

A segunda categoria identificada relaciona-se ao patrimônio e à memória como formas de resistência. A Festa de Santa Cruz, celebrada há mais de três séculos na Aldeia de Carapicuíba, constitui uma das mais significativas expressões de preservação cultural da comunidade. Para além de um evento religioso, a festividade representa um ato contínuo de



resistência ao apagamento histórico, pois articula tradições indígenas, jesuíticas e populares em um espaço constantemente ressignificado.

Nesse sentido, a Aldeia exemplifica a concepção de lugar formulada por Santos (2006), entendida como síntese de materialidade e subjetividade, e confirma a perspectiva de Corrêa (1982) sobre as categorias tempo-espaço-mundo, nas quais a práxis humana dá sentido ao território e à memória coletiva. Conforme Corrêa, Castro e Gomes (2023), o espaço vivido manifesta-se de forma fragmentada, pois é estruturado pelas relações de pertencimento a diferentes grupos sociais e culturais, que servem como referência simbólica para a vida cotidiana. Assim, a configuração espacial da Aldeia reflete não apenas sua dimensão geográfica, mas também a permanência de identidades coletivas forjadas na convivência entre povos indígenas e jesuítas. Desse modo, o território transforma-se em um espaço de memória e resistência, no qual as práticas sociais e culturais reafirmam o sentimento de pertencimento e a continuidade das tradições locais.

As entrevistas do podcast Carapicuibano também revelam como a atuação pedagógica da OCA impactou diretamente a autoestima e o sentimento de pertencimento dos educandos. Segundo Sylvio Sawaya, a iniciativa surgiu a partir da observação das brincadeiras infantis e de sua relação com o ciclo das estações, experiência que despertou o desejo de desenvolver um trabalho educativo contínuo naquele espaço (CARAPICUIBANO, 2023, 07min08s).

Vale destacar que o projeto OCA, ao longo de quase três décadas, tem desenvolvido parceria com as escolas do entorno e, Segundo Paulo Black, os dados apontam que até meados de 2024 o projeto já havia atendido mais de 10 mil alunos da rede estadual da região (CARAPICUIBANO, 2024, 36min56s), estes, em sua maioria, migrantes nordestinos, além de filhos e netos de remanescentes da folclórica Aldeia de Carapicuíba.

Participar do projeto no contraturno, permite que estes educandos tenham acesso e reconhecimento das suas histórias incluídas no currículo, através de atividades lúdicas como música, danças e brincadeiras, da cultura popular brasileira, mantendo vivo o território da Aldeia de Carapicuíba como um local de resistência a mais de quatro séculos, desde a catequização dos indígenas, promovida pelos jesuítas e, não menos importante, acessando uma modelo educacional que promove o desenvolvimento integral do educando que valoriza as subjetividades dos estudante e supera a dimensão formativa quantificável, expressa no modelo escolar neoliberal.

Portanto, é possível identificar a valorização da experiência sensível, da autonomia do sujeito e da integração entre corpo, mente e espírito, aspectos que também evidenciam a influência de Paulo Freire, Anísio Teixeira e Agostinho da Silva na atuação pedagógica de Peo.



Esse conjunto permite refletir sobre o papel da educação na preservação, transmissão e ressignificação das heranças culturais e espaciais da Aldeia.

Assim, a atuação de Peo não se limita a um território físico, mas transforma e é transformada pelo espaço vivido, articulando saberes locais e práticas pedagógicas que evidenciam a diversidade cultural e a identidade geoespacial da Aldeia de Carapicuíba.

A análise dos dados revelou que a OCA-Escola Cultural se consolidou como um espaço de currículo em disputa. Organizada como atividade de contraturno, a OCA articulou saberes comunitários, práticas artísticas e memórias locais, resistindo ao apagamento cultural promovido pela escola oficial. Essa experiência corrobora o questionamento de Arroyo (2011, p. 9): “em que territórios e em que disputas conformamos quem somos?”, evidenciando a problemática do currículo como território em permanente negociação entre hegemonia e resistência. Nesse sentido, a perspectiva da OCA dialoga com Walsh (2003), ao valorizar práticas decoloniais que ultrapassam os limites da sala de aula. Assim, a experiência demonstra como práticas educativas podem insurgir contra narrativas hegemônicas de escolarização, reafirmando o papel das pedagogias decoloniais na valorização dos saberes ancestrais e periféricos.

Por fim, emergiu como categoria analítica a identidade territorial e o pertencimento, especialmente evidenciados nas entrevistas do podcast Carapicuibano. Os depoimentos mostram que as práticas pedagógicas da OCA fortaleceram a autoestima dos educandos e ampliaram o sentimento de pertencimento à comunidade. Ao narrar suas próprias histórias, crianças e jovens passaram a se reconhecer como sujeitos históricos, inseridos em uma rede de relações que constrói continuamente o espaço vivido. Essa constatação confirma a concepção de Massey (2008) do espaço como processo relacional, no qual múltiplas temporalidades e práticas sociais se entrelaçam na produção de identidades.

Em síntese, os resultados apontam que a pedagogia de Peo, ao articular corpo, memória e território, produziu práticas educativas que resistem ao apagamento histórico e contribuem para a construção de identidades coletivas na Aldeia de Carapicuíba. A análise das categorias confirma a pertinência de compreender o espaço como aberto e relacional (MASSEY, 2008), o lugar como síntese dialética (SANTOS, 2006) e o currículo como território de disputa (ARROYO, 2011), além de evidenciar a potência das pedagogias decoloniais (WALSH, 2003; FREIRE, 2020) na valorização de memórias e saberes silenciados. Dessa forma, a pesquisa demonstra que a Aldeia de Carapicuíba se consolidou como espaço educativo decolonial, no qual práticas pedagógicas insurgentes se entrelaçam com a preservação da memória e da cultura, constituindo uma experiência inovadora e de resistência no campo da educação



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível identificar que a valorização da experiência sensível, da autonomia do sujeito e da integração entre corpo, mente e espírito também evidencia a influência de Paulo Freire, Anísio Teixeira e Agostinho da Silva na atuação pedagógica de Peo. Esse legado permite refletir sobre o papel da educação na preservação, transmissão e ressignificação das heranças culturais e espaciais da Aldeia.

As práticas pedagógicas de Maria Amélia Pinho Pereira revelam a potência de uma pedagogia sensível e decolonial. Nesse contexto, a Aldeia de Carapicuíba se afirma como espaço de resistência histórica e cultural, contribuindo para a preservação da memória coletiva e para a construção de identidades locais.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo amplia o diálogo entre a geografia humanista, a pedagogia freireana e as perspectivas decoloniais. Do ponto de vista social, reforça a importância de políticas públicas que fortaleçam experiências educativas enraizadas no território, incentivem a educação patrimonial, apoiem projetos culturais comunitários e estimulem futuras pesquisas que articulem corpo, memória e território na formação de sujeitos.

Além disso, abre caminhos para que outras comunidades e instituições educativas reconheçam o potencial da pedagogia sensível e decolonial como instrumento de resistência cultural e de construção de identidades.

Por fim, em consonância com a Educação da Sensibilidade de Maria Amélia Pinho Pereira (APEL), reafirma-se a necessidade de superar o modelo neoliberal e tecnicista de ensino, substituindo a lógica da vigilância e da produtividade por uma pedagogia do encontro, do afeto e da criação. Assim, a escola torna-se espaço de experiências libertadoras, no qual corpo, arte e imaginação se integram à formação humana e à vivência plena do tempo e do espaço.

Nas próximas etapas da pesquisa, pretende-se aprofundar a análise das contradições entre a Educação da Sensibilidade, entendida como prática libertadora e promotora da experiência viva do espaço, e o modelo educacional neoliberal, sustentado por uma pedagogia do medo e do controle. O objetivo é compreender como os espaços escolares, em sua materialidade e simbologia, têm sido configurados como territórios de disciplinamento e normatização dos corpos, em oposição à vivência autônoma e criativa dos sujeitos. Assim, o estudo buscará evidenciar a centralidade do espaço geográfico na dinâmica educativa,



mostrando como ele expressa disputas de poder, mas também possibilidades de emancipação e reinvenção da vida.

REFERÊNCIAS

AFONSO-ROCHA, Rick. A pedagogia da ansiedade nas protoprises escolares. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 10 out. 2025. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-pedagogia-da-ansiedade-nas-protoprises-escolares/>. Acesso em: 19 out. 2025.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARAPICUÍBA TV. **Carapicubano – 1ª temporada**: educadora PEO, entrevista com Sylvio Sawaya. YouTube, 2 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OLKW63PTb8E>. Acesso em: 06 set. 2025.

_____. **Carapicubano – 2ª temporada**: educadora PEO, entrevista com Paulo Black. YouTube, 4 de mar. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-qzgJ6fyJc>. Acesso em: 06 set. 2025.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L.. **Geografia: conceitos e temas**. 22. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

CORRÊA, R. L.. Região, organização espacial e temporalidade. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 31-45, jul./set. 1982.

CRUZ, M. C. M. T.. **Para uma educação da sensibilidade**: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://share.google/0wPYG9YwrqtlP9is8>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GADOTTI, M.. **História da Idéias Pedagógicas**. Editora Ática: São Paulo, 2004.

MASSEY, D. **Pelo espaço**. 1. ed. Editora Bertrand Ltda. Rio de Janeiro, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNDURUKU, D.. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. **Múltiplas Leituras**, v. 2, n. 1, p. 21-29, 2009. Doi:<https://doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v2n1p21-29>. Acesso em: 05 fev. 2024.

PEREIRA, M. A. P.. Derrubaram os últimos jardins para construir prédios. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 8. N. 14, jan.-jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2993>. Acesso em: 05 fev. 2024.



PIMENTEL, A.. **A Formação da periferia urbana metropolitana e a democracia socioespacial**: a proposta de uso de qualidade de vida (IQV) no plano diretor municipal de Carapicuíba (SP) / Alexandre Simões Pimentel. – Campinas, SP: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=502205>. Acesso em: 25 fev. 2024.

SANTOS, M.. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, G. A.. **Educação em Portugal**. Lisboa: Ulmeiro, 1989.

WALSH, C.. Lo Pedagógico y lo decolonial: entretejiendocaminos. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. [s. l.; s. n.] 2003. p. 24-68. Tomo I.